 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 039. Feiras, mercados, capitais e potencialidades

Maria Catarina Chitolina Zanini (UFSM) - Coordenador/a, Lídia Maria Pires Soares Cardel (Universidade Federal da Bahia) - Coordenador/a o objetivo deste GT ? refletir sobre os processos produtivos, as din?micas interativas, as unidades familiares de produ??o da agricultura rural e urbana, bem como as especificidades de seus locais de mercado. Compreendemos que os procedimentos de produ??o, consumo e distribui??o de alimentos dialogam com os aspectos da vida cotidiana voltados para os h?bitos alimentares, para o saber/fazer na transforma??o dos alimentos, como tamb?m, para as diversas formas de trabalho humano na rela??o com a terra, com o bioma e com os bens da natureza. Neste sentido, entendemos que as estruturas conceituais que separavam as sociabilidades urbanas e rurais devem ser revistas para que novos constructos anal?ticos possam emergir. Em suma, esperamos estabelecer um di?logo objetivo e subjetivo que permeie os v?rios processos produtivos, de circula??o e de consumo de bens e processos gerados pelo modo de produ??o familiar. Pretendemos, igualmente, agregar estudos que pensem novas op?es e ferramentas te?rico-metodol?gicas para refletir acerca das feiras como lugares de mercados variados em que muitos capitais circulam (econ?mico, cultural, pol?tico, de conhecimento e outros) e nos quais muitas din?micas se processam simultaneamente, fazendo deste um espa?o repleto de significados e potencialidades.

Saúde e consumo alimentar nas feiras de Goiânia: a comida como cultura e autocuidado

Autoria: Carolina Cadima Fernandes Nazareth, Janine Helfst Leicht Collaço Filipe Augusto Couto Barbosa

Depois da primazia dos restaurantes, dos supermercados e dos shopping centers enquanto espaços de consumo alimentar que estabeleceram as bases dos hábitos alimentares das classes médias quanto ao adquirir comida e ao ?comer fora? nas urbes modernas do século XX, outro fenômeno ressurge e ganha força nas últimas décadas: a ?comida de rua?. As condições de preparação e os tipos de comida servidos em feiras, mercados de rua, quiosques suscitaram muitas discussões em torno da segurança alimentar e também do quão saudáveis seriam esses alimentos, na maioria das vezes partindo de perspectivas médico-sanitárias e/ou nutricionais. Estes discursos em torno da ideia de saúde vinculada à alimentação têm se preocupado também com a relação da população em geral com produtos industrializados e alimentos in natura, e com sua forma de produção, por exemplo, se é ?orgânica?. Embora esses discursos informem a população pelas mídias e penetrem a educação formal das crianças, estão ainda em constante modificação, ora demonizando um dado ingrediente ou prática culinária, ora santificando estes mesmos, e não explicam o que motiva a adoção de hábitos alimentares ligados ao ?comer na rua?, e nem como as concepções individuais de alimentação saudável se estabelecem informadas também por discursos outros, assumindo configurações cultural e individualmente variadas. Mediante este cenário de disputa entre discursos, as escolhas relativas aos alimentos considerados saudáveis acabam sendo definidas no plano individual, o que coloca o comensal como agente do seu ?autocuidado?. A noção de autocuidado estabelece como recebemos, interpretamos e colocamos em prática no cotidiano os vários conhecimentos e discursos em torno da saúde, e, consequentemente, da alimentação saudável. Nesse contexto atual e a partir da perspectiva do ?autocuidado?, procuramos demostrar a complexidade deste fenômeno a partir de um caso específico envolvendo comida de rua: o do consumo alimentar nas feiras de Goiânia. Nesta capital, as feiras atraem vários tipos de comensais e relativizam esse imaginário pejorativo ligado à comida de rua, ressignificados como espaços do ?comer saudável?. Além de uma ?comida de rua? que guarda semelhanças e diferenças com outros contextos urbanos, trazendo sua diversidade em pratos como pastel, espetinho com ?jantinha? (feijão tropeiro, mandioca cozida e vinagrete), pamonha, tortas, etc., nessas feiras se consome também

 ISBN: 978-85-87942-61-6

outros tipos de alimentos, como de hortifrúti, temperos, produtos ?caipira? etc., constituindo um espaço privilegiado para o consumo de alimentos de origem local. Assim, a partir desses espaços e seus comensais, procuramos identificar as práticas e saberes individualizados que caracterizam o autocuidado baseado no comer saudável, em suas diferentes acepções.

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**